

# Os paradoxos do desejo ~ IF-EPFCL 2014

## Prelúdio 1, Cora Aguerre

Quando se vai longe o bastante no desejo de saber, atinge-se o para além do horror ao saber.

Lugar que dá conta do real em jogo na formação do analista.

Passagem de analisante a analista, do desejo de saber ao desejo do analista.

Enlace do qual a Escola se ocupa

E pode dedicar-se a dissipar.

A Escola funciona como estímulo, nos força a dar razões, a expor, por à prova, não só no passe, mas também no trabalho com os colegas.

*Tradução para o português: Gracia Azevedo*

## Prelúdio 2, Sidi Askofaré

Ao mesmo tempo que ele procurou situar o lugar excêntrico - a grosso modo no Seminário As formações do inconsciente, aquele sobre a angústia -, Lacan nunca deixou de sustentar o paradoxo do desejo. Mas se ele não veio a falar dos “paradoxos do desejo”<sup>[1]</sup> como tais, é por um afastamento dos moralistas. E Lacan adquiriu apoio para produzir dentro do campo freudiano uma concepção de desejo inteiramente nova.

E por isso, de fato, e incluído pela psicanálise, o desejo foi reduzido há muito tempo a guisa freudiana de Wunsch – voto, desejo -. Aquilo que Lacan chama de desejo procede sem dúvida, mas também vai muito mais longe. É Wunsch certamente – e Lacan deduzirá a tese que o “sonho é demanda”<sup>[2]</sup>, mas é também das Begebren e die Begierde, na verdade – e o mais surpreendente – Lust <sup>[3]</sup>. Categoria tanto social – “desejo do Outro” -, erótico quanto ético, portanto, que se emprega tanto a manter a coerência de um corpo fundamentalmente dedicado à morte quanto à suportar a divisão subjetiva – sem a qual o parlêtre seria louco<sup>[4]</sup> – ou a se manifestar no nível do impossível da relação entre os sexos.

Mas para além do paradoxo do desejo – tese trivial – e seus paradoxos elevados pelo moralista, a psicanálise, ela, coloca em jogo principalmente sua determinação pelo significante que situa o campo entre a verdade e o ato.

Portanto, os paradoxos da categoria mais dialética da psicanálise eclodem ao serem colocados em tensão com as noções também importantes da experiência como o Outro, a Lei, o gozo, a satisfação, o objeto, a demanda, a inibição, a interpretação, a angústia, a defesa, o saber, a resistência ou a realidade.

De onde aparecerá, talvez, que os paradoxos do desejo– desejo que é do gozo isso que a verdade é do real – não é outro que aquele do significante, da verdade e do sujeito (pontual e evanescente).

*Tradução para o português: Elynes Barros Lima*

[1] J. Lacan, "Subversão do sujeito e dialética do desejo. Escritos. Rio de Janeiro: JZEditor, 1998, p. 826

[2] J. Lacan. O Seminário, 17: O avesso da Psicanálise. Rio de Janeiro: JZEditor, 1992, p. 149

[3] J. Lacan. O seminário 6: desejo e sua interpretação. Aula de 13 de maio de 1959. Inédito.

[4] J. Lacan. O Seminário 5: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: JZEditor, 1999, p. 431

## Prelúdio 3, Andréa Brunetto

A problemática do desejo, insiste Lacan, é sua excentricidade em relação a qualquer satisfação.<sup>1</sup> Seguindo o Seminário *As Formações do Inconsciente* é excêntrico porque desliza sempre, almejando um objeto, mas que nunca é Isso.

O inconsciente é um lugar outro, estrangeiro, que só se manifesta como tropeço, rachadura, como alega Lacan no Seminário 11: uma zona de larvas, um limbo, um centro

incógnito.<sup>2</sup> A condição errática é própria do humano, imerso na linguagem e fundado por traços significantes. É sua alteridade radical. Lacan sustenta que o sujeito é apenas sujeito do discurso, arrancado de sua imanência, condenado a viver em uma espécie de miragem que não o faz apenas falar de tudo que vive, mas viver no jogo entre dois polos.<sup>3</sup>

Em um de seus polos se afirma com os significantes, com seu Wunsch, e no outro, em que a verdade escapa, se esvai no tonel das Danaides de um gozo que se perpetua? Assim entendi “o jogo entre dois polos”. E por esse viés, o paradoxo do desejo é não ser mais do que um semblante?

Em português temos um ditado para quando as coisas estão difíceis: se ficar o bicho pega, se correr o bicho come. Pegar não é bater, como no espanhol, é segurar. O bicho segura ou come. Zeca Baleiro, famoso cantor, quase lacaniano, de tanto que brinca com as palavras em suas músicas, complementa assim: o bicho come. Come, back, again. Versão um pouco diferente do ‘a bolsa ou a vida’, pois enfatizado um sentido sexual. Pegar tem sido usado, cada vez mais, para falar do encontro sexual. Pegar é também transar.

E lembrando o pegar, há uma música de outro cantor brasileiro, Seu Jorge, muito tocada nas rádios do país no momento, cuja letra fala de um homem que está atraído pela amiga de sua mulher, que para complicar as coisas é muito bonita, e a beleza feminina mexe com seu coração. E vive o seguinte dilema: peço ou não peço? Peço ou não peço? Ele vai contando a história de seu dilema diante do desejo e se perguntando sobre sua posição diante do pecado. E ao cantar, equivocava o pecar com o pegar. E escutamos um peço ou não peço? Na letra da música está o tempo todo o verbo pecar, mas em alguns momentos Seu Jorge canta peço ou não peço? (Ou será que eu escuto um pegar que não tem? Meus colegas brasileiros vão saber responder a minha dúvida. Será?).

No pecado, hamartia – em grego, lembra Lacan, é falta<sup>4</sup> – ou na pegada (marco, traço) estamos no semblante de que é Isso?

<sup>1</sup> J. Lacan. O Seminário 5: *As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: JZEditor, 1999, p. 350.

<sup>2</sup> J. Lacan. O Seminário 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: JZEditor, 1985, p. 28.

<sup>3</sup> J. Lacan. O Seminário 9: A identificação. Aula de 13 de dezembro de 1961. Inédito.

<sup>4</sup> J. Lacan. O Seminário 7: *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: JZEditor, 1991, p. 102.

## Prelúdio 4, Patrick Barillot

Há toda uma diversidade de desejos, mas desejo de saber o que o inconsciente poderia nos revelar sobre o gozo, como castrado, não !

Não há desejo de saber, desse saber próprio ao inconsciente, afirma Lacan em “Mais, ainda”, e ele acrescenta em sua “Nota aos italianos”<sup>[1]</sup> que nós todos, a humanidade inteira, temos horror desse saber.

Lá onde as práticas psicoterapêuticas só reforçam esse horror de saber, a oferta analítica promove um desejo do saber inconsciente sobre a realidade sexual e a castração. Este saber deve ser decifrado pela interpretação, pois já está lá, mas cifrado.

Além da decifração, a análise convida também a um desejo de saber próprio ao psicanalista que precisa ser inventado, pois, diferentemente do saber inconsciente, “ele não está de forma alguma cozido”<sup>[2]</sup>.

É nesse lugar que o psicanalista deveria se distinguir do resto da humanidade, essa seria sua marca, aquela no qual, o desejo desse saber que lhe é próprio, adviria.

*Tradução: Lia Silveira*

## Prelúdio 5, Carmine Marrasso

De que modo os psicanalistas podem sustentar seu desejo, desejo de analista, com seus paradoxos? A questão é crucial e envolve a “chance que a análise continue a dar dividendos no mercado”<sup>1</sup>, e as condições para sua mesma sobrevivência.

Freud, o primeiro, tocou na questão, escritos e correspondências o atestam. E quando somos consolados por um otimismo singular a cerca do destino de sua invenção, o psicanalista dá crédito de uma “notável disposição” para aceitar seu “destino”, “destino daqueles que estão em oposição solitária”<sup>2</sup>. Então, como entender esta “notável disponibilidade” se “não há nada na estrutura do homem que o predisponha à psicanálise”?<sup>3</sup>

Com Lacan, avançamos. Ele apostou em despertar o movimento analítico do fracasso de uma formação que garantia ao analista “uma rotina que gera minha comodidade”<sup>4</sup>, e sua crítica obstinada trouxe novamente a resistência à psicanálise na própria psicanálise, antes de qualquer outro lugar.

Acreditara que sua inédita vissicitude institucional respondesse àquele destino freudiano. Mas se se tratou de “uma oposição, sozinho”, certamente não foi só uma oposição, mas outro modo de fazer existir o Outro, pois a colocação em função do “desejo do analista”, esta jóia do final da análise, implica antes um autorizar-se sem “assegurar-se do Outro”<sup>5</sup>, não mais no campo garantido do saber do Outro, mas no campo do ato. Uma “notável disponibilidade” ao ato analítico.

Então, se ato-riza? “O psicanalista [...] fica apenas no lugar do ator, na medida em que o ator basta, por si só, para sustentar essa cena”<sup>6</sup>. Por essa via, os paradoxos do desejo do analista não são outros que os “paradoxos do ato analítico”? Qual ato “que nós supomos do momento eletivo em que o psicanalisante passa a analista”<sup>7</sup>, “a cujo, o analista opõe o mais insensato desconhecimento<sup>8</sup> e de cujo “tem horror”<sup>9</sup>, *acte-horr*, e que o fixa no lugar de “rebotinho da suposta (humanidade)”<sup>10</sup>.

Mas se tal posto não é desejável, como pode o analista desejá-lo, continuar a desejá-lo? Deve ser a decisão de uma reinvenção. É assim que entendo essa “coacção”:. Que cada analista seja forçado – porque precisa ser forçado - a reinventar a psicanálise, a partir do que foi capaz de obter por ser, ele mesmo, psicanalisante”<sup>11</sup>.

Pode a Escola do Passe sustentar a aposta de uma decisão, sempre contingente, trazendo consigo o entusiasmo?

*Tradução: Andréa Brunetto*

<sup>1</sup> LACAN, J. Nota italiana. Outros escritos. Rio de Janeiro: JZEditor, 2003, p. 314

<sup>2</sup> FREUD, S. Resistência à psicanálise (1924[1923]). Vol. XIX. ESB. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p. 275. NT: mantivemos nessa tradução a palavra destino, pois o autor a usa em dois momentos no parágrafo. Na tradução em português do texto freudiano está “situação”. E a “notável disponibilidade” está traduzida na Imago por “grau de aptidão”. Por isso, decidimos manter a tradução do autor e fazer a referência à página do texto de Freud nas Obras Completas da Imago Editora.

<sup>3</sup> *Correspondence S.Freud – L. Binswanger (1908-1938)*, Calmann-Levy, Paris, 1992, p. 134

- [4](#) LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: JZEditor, 2003, p. 264.
- [5](#) LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo. *Escritos*. Rio de Janeiro: JZEditor, 1998, p. 839.
- [6](#) LACAN, J. *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: JZEditor, 2008, p. 338
- [7](#) LACAN, J. O ato psicanalítico. Resumo do Seminário 1967-68. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: JZEditor, 2003, p. 371.
- [8](#) LACAN, J. *O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico*. Inédito, aula de 29 de novembro de 1967.
- [9](#) LACAN, J. Lettre au journal *Le Monde*, 24 gennaio 1980
- [10](#) LACAN, J. Nota italiana. *Op. Cit.*, p. 313.
- [11](#) LACAN, J. *Sulla trasmissione della psicoanalisi* (1978), in *La psicoanalisi*, n°38, Astrolabio, Roma, 2005, pp. 13-16

## Prelúdio 6, Martine Menès

### **Nem temor nem piedade.**

É preciso verdadeiramente ser um herói? Especialmente se você tiver nascida filha.

"Chorei bastante por ser uma menina!"

Ao que Ismene, como 'verdadeira' menina, respondeu: "Você deseja coisas impraticáveis".

Filha do pai, Antígona o demonstra *post mortem* isso que é a lei, a verdadeira.

Sob o pretexto dos deuses, ela enterra Polinice, seu "bem", seu duplo incestuoso, porque "é seu irmão ». Isso é tudo.

Não. É também seu sobrinho, o traço da falta: cegueira afetada do pai diante dos presságios, amor cego da mãe por seus filhos, todos meninos.

"Essa vítima tão terrivelmente voluntária », nunca é silenciosa diante de Creonte atordoado: "... de nós dois, é ela que seria o homem se eu a deixasse triunfar impunemente".

Tão inflexível como seu pai, rugiu o coro.

Difícil de conceber como mulher, e no entanto ela (o) é, somente na passagem à morte que ela o reconhece, lamentando-se de não ter sido nem amante, nem mãe.

Além disso,

Hemon só pode reunir-se com ela no fora do lugar da sexuação que a adocece.

Falsa Narcisa, ela o olha em seus lagos.

Não haveria um desejo ao qual ceder para não ceder de seu desejo?

*Citações extraídas de Antígona de Sófocles e de O Seminário 7 : a ética da psicanálise, de Jacques Lacan, lições XIX e XXI.*

*Tradução Andréa Brunetto*

## Prelúdio 7, Sonia Alberti

Paradoxo, do grego “para”, que se traduz normalmente por “contra” e “doxa”, a opinião verdadeira. No seu Seminário de 10 de maio de 1977, Lacan se pergunta se seria possível representá-lo [\[1\]](#)?

Para nos aprofundarmos um pouco no contexto, rememoremos o paradoxo do mentiroso que levanta a questão sobre a frase dita no século VI a.C., por Epimênides, o Cretense: “Os cretenses são sempre mentirosos [...]”. Como um cretense pode dizer tal coisa dos cretenses? o sendo ele próprio, estaria ele mentindo? E se ele mente, não estaria ele dizendo então a verdade? Indecidível, em lógica.

O paradoxo trata do indecidível – Lacan o confirma em sua conferência sobre o *Saber do psicanalista* quando introduz, do lado mulher, a não existência por um lado, e o não-tudo, por outro [\[2\]](#). É entre o indecidível do lado mulher e a contradição que a castração imprime à existência do lado homem que Lacan faz circular a falta, a falha, o desejo e o objeto *a*. Em consequência, define a castração como “tudo [ou o todo] deixa a

desejar” [3] e depois observa que é pelo fato de isso circular e deixar a desejar, que nossa relação é com o objeto *a*.

Ora, os paradoxos do desejo surgem a partir daí: o Um dialoga sozinho “já que recebe sua mensagem sob forma invertida” (Lacan, 10 de maio de 1977). É porque o Um dialoga sozinho que o objeto *a*, esse que surge da circulação entre o indecível e a contradição, não é apenas objeto que causa o desejo, é também o objeto do gozo, dessexualizado no sentido freudiano do termo, ou seja, que não está referido ao falo.

Então é isso o que Lacan já observava quando construía a fantasia na neurose obsessiva diferente da histeria: se nesta o objeto é sempre metaforizado na referência fálica que o vela, naquela, ele se metonimiza... No primeiro caso, o sujeito sabe da falta que se inscreve no Outro e não quer vê-la para não se deparar com o indecível; mas no segundo, “para tentar abolir a dificuldade que eu designo sob o nome de parasitismo do significante no sujeito” o obsessivo, se visa a degradação do Outro, é para “restituir a primazia do desejo” [4] (Lacan, *O Seminário, livro 8: A transferência*). Em ambos os casos será a possibilidade de passar pelo que Freud chamava de neurose de transferência o que pode sustentar a aposta de já não prescindir do Outro, abrindo os caminhos para o surgimento dos paradoxos do desejo. Mas em ambos os casos também fica claro que tais paradoxos só podem descortinar-se no momento em que se possa reconhecer que isso o que é parasitado pelo significante é, na realidade, um nó borromeano [5] (Lacan, *O Seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*) que articula RSI e comporta o indecível no qual desejo e gozo se articulam.

[1] “Les paradoxes sont-ils représentables ? Δοξα, Doxa, [...], c'est l'opinion vraie. Il n'y a pas la moindre opinion vraie, puisqu'il y a des paradoxes”.

[2] Conferência de 1 de junho de 1972.

[3] “tout laisse à désirer”

[4] “c'est la voie que choisit l'obsessionnel pour tenter d'abolir la difficulté que je désigne sous le nom de parasitisme du signifiant dans le sujet, de restituer, pour lui, au désir sa primauté mais au prix d'une dégradation de l'Autre”.



[5] “Ce *corps-de*, est parasité par le signifiant; car le signifiant, s'il fait partie du Réel, si c'est bien là que j'ai raison de situer le Symbolique, il faut penser à ceci, c'est que cette *corps-de*, nous pourrions bien n'y avoir affaire que dans le noir. Comment reconnâitrons-nous, dans le noir, que c'est un noeud borroméen ? C'est de cela qu'il s'agit dans la Passe”.

## Prelúdio 8, Marcelo Mazzuca

### Os paradoxos do desejo do analista

Nosso próximo encontro em Paris nos pôs no rastro do desejo e de seu paradoxo: como alcançá-lo com a interpretação se resulta logicamente “incompatível com a palavra?” Resposta: não sem outro desejo.

Ficamos, então, abertos a um amplo leque de problemas clínicos que com certeza confluem a uma consideração ética particular: situar as coordenadas do *desejo do analista*, essa “classe especial de desejo que se manifesta na interpretação” [1], esse “postulado” de base de toda formação do analista[2].

Neste sentido, não pode ser casual que o próprio Lacan tenha formulado pela primeira vez a pergunta pelo *desejo do analista* no momento preciso em que pôde situar o paradoxo do desejo[3]. A formulação topológica do desejo, em 1958, o empurra inexoravelmente a uma ética da cura que consiga integrar “as conquistas freudianas sobre o desejo” para dar-lhes uma resposta no ato [4].

Dez anos mais de ensino levou Lacan a dar-se conta daquela estrutura do ato analítico. Em meio a isso temos um percurso rico em referências que refletem aspectos diversos da função *desejo do analista* e das notações algébricas das que se sustenta[5]. Esse percurso sugere uma fórmula: assim como se pode dizer que o sentido da verdade de todo sonho é o da realização de um desejo (com o que essa realização onírica comporta de “irrealização” ao mesmo tempo), nós poderíamos afirmar que o sentido do desejo do analista – não o significado desse ou daquele desejo desse ou daquele analista, mas o sentido do *desejo do analista*” como noção ética e clinicamente operativa – é o da “realização no ato.”

Veja bem, ainda assim, chegaríamos ao extremo de sustentar que o dito desejo está isento de paradoxos? Como encara o analista a estrutura paradoxal do desejo? Perguntas que reconduzem à clínica do final da análise e da passagem, abrindo o interrogante sobre os vínculos entre o desejo e o ato, mas também sobre o gozo e a satisfação que talvez lhe sejam correlativos. Porque não basta apenas localizá-lo ao final o colapso da verdade do desejo no “eu minto”, há de poder situar ali a relação com sua fonte pulsional e com o dizer que nomeia. E ainda quando essa nomeação seja de

“Pinóquio”, não chega a situar o sujeito da enunciação, além disso, deve-se constatar se seu coração é ou não de mentira e se efetivamente cresce-lhe ou não o nariz.

*Tradução: Katarina Aragão Ponciano*

[1] Lacan, J. (1962-63). *La angustia. El Seminario. Libro 10*. Buenos Aires: Paidós, 2006, clase IV, p. 65.

[2] Lacan, J. (1963-64). *Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis. El seminario. Libro 11*. Buenos Aires: Paidós, 1994, clase 1.

3 Lacan, J. (1958). "La dirección de la cura y los principios de su poder". En *Escritos 2*, Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1988, p. 595.

[4] *Ibíd.*

[5] Lacan, J. (1963-64). *Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis. El seminario. Libro 11*. Buenos Aires: Paidós, 1994, clase 1.

## Prelúdio 9, Albert Nguyên

### **Um novo desejo**

Algumas notas sobre o tema, e uma questão : Um novo desejo ?

Onde o desejo tem sua origem ? O poeta Reiner Kunze escreve sem disfarce :

« Ao longo da surpresa reside o poema,

é lá que nós vamos »

De paradoxo em paradoxo, caminha a análise, mais para nomear, e mais ainda : « renomear como novo as coisas do mundo » diz F. Cheng, para responder ao inominável, outro nome do impossível : tal é o desejo.

O sujeito, presa do desejo e de seu paradoxo, que Lacan observa na página 558 do Seminário « O desejo e sua interpretação » :

« O desejo é ao mesmo tempo subjetividade – é o que está no coração de nossa subjetividade, que é o tema principal – e é ao mesmo tempo o contrário, se opõe a subjetividade como uma resistência, como um paradoxo, como um núcleo rejeitado, refutável. »

Paradoxo do desejo amarrado ao amor e ao gozo do sintoma.

Desejo de analista vindo do ato mesmo que o sustenta e dita uma ética que governa o Dizer, o Um-dizer, o Real. Fios entrecruzados,, tramas, amarrações, trançados como muitas das figuras do qual o desejo se deduz no surgimento de sua causa, não sem culpa.

Um novo desejo, sobre o modelo de Ein neues Subjekt, que Lacan retraduziu : ele é novo que aí tenha o sujeito, e novo que tenha este desejo que havia sido rejeitado.

Por fim e depois se inscreve, se escreve este novo desejo, efeito da resolução, da redução dos paradoxos do gozo, dos paradoxos do amor, e dos paradoxos do desejo, por causa do real inexorável. O desejo de analista é desejo de saber uma vez caído o desejo de saber e seu amor, este desejo de saber é chance de dar ao inconsciente a extensão que lhe cabe. : o inconsciente, isto que resta.

*Tradução : Consuelo Pereira de Almeida*

## Prelúdio 10, Silvia Migdalek

### O paradoxo do desejo e o amor

Jogando com as delícias da etimologia e o dicionário, vemos que o termo paradoxo vem do grego (para e doxos) e significa “mais além da imaginação”, e também implica algo contrário à “opinião comum”. Atualmente a palavra “paradoxo” tem muitos significados, tomemos um deles pelas ressonâncias que tem com a prática da análise: declaração cuja veracidade ou falsidade é indizível.

Na clínica da vida amorosa é talvez onde o paradoxo do desejo se intensifica de modo singular, dando forma ao que podemos chamar também o paradoxo do amor, e este último - digamos inicialmente - o amor não é o desejo, o desejo é sua ancoragem pulsional. Freud disse que relutamos a conceber o amor como uma pulsão parcial, mas podemos ver nele uma aspiração para o todo. É o eu o que ama ou odeia, mas a relação entre a pulsão e o objeto se chama fixação a uma borda auto-erótica, característica perversa da neurose. Portanto o amor carrega o fardo de sua origem pulsional. Quando Freud elabora sua teoria sobre o amor, ocupa-se em inverter a “opinião comum”, que erra o alvo a respeito da causa do amor: não se ama porque se deseja, mas, é porque se deseja que se ama. O desejo revela que a estrutura porta uma hiância. Freud o ilustra sob a roupagem de uma mítica experiência de satisfação, que cedo, inscreve a perda irreduzível do objeto cujo resultado é o surgimento do desejo, primeiríssimo movimento de natureza psíquica, e que no dizer de Lacan, no seminário VII sobre *A ética da psicanálise*, aquilo de que se trata é de um “início miserável”

O indizível, Das Ding como o núcleo não predicável do Outro, que não permite nenhuma identificação. A Coisa como vazio do dizer, vai se aninhar a tudo o que pode ser dito. Se introduz então, a lógica do não-todo no dizer, e por isso também em todo discurso amoroso. Paradoxo do amor que aspira ao todo, porque não quer saber nada sobre a castração, ou com Lacan, da impossibilidade de escrever a relação-proporção sexual, e paradoxalmente, nada faz mais presente esta dimensão de um real impossível da experiência amorosa. Tanto em Freud como em Lacan podemos encontrar a utilização desta dimensão como a de uma impossibilidade lógica, originária e fecunda. Esse obscuro “objeto de desejo”, incompatível com a palavra, na vida amorosa, se apresenta sempre em certa tensão dramática, nunca se está mais a mercê do outro do que quando se ama... a tragicomédia amorosa...

A problemática do paradoxo do desejo no amor nos abre a uma série numerosa de articulações interessantes, e uma delas é a relação que mantém com o que com Freud chamamos o amor de transferência. Forma de amor que surge na transferência e que Freud situa como algo “resistente à interpretação”, um amor recalcitrante e indomável, borda erotômana do amor, que costuma acompanhar a clínica de certas “mulheres de

paixões elementares”. Poder-se-ia pensar que aqui, se apresenta um impasse do inconsciente.

O amor de transferência, em sua vertente de repetição, vela o objeto do trauma. A transferência no começo se exerce no sentido da identificação, mas nesse processo, o que Lacan propõe como o que deve operar é o desejo do analista, que justamente conduz à travessia do plano das identificações, que não é sem esse operador desejo do analista, “para dar-lhes fórmulas referenciais, direi: se a transferência é o que da pulsão divide a demanda, o desejo do analista é o que a restabelece”<sup>[1]</sup>, como um desejo que aponta então a voltar a revelar a origem pulsional de toda demanda, velada inicialmente pelo amor de transferência mesmo. Um desejo que não é um desejo puro, e que Lacan nomeia como um desejo de obter a “diferença absoluta”, abrindo-se ali então a pergunta, de como viverá o sujeito este atravessamento operado exclusivamente por uma experiência de análise. Nos testemunhos de passe pode-se verificar que é em torno dos avatares da experiência amorosa, de onde se produzem momentos de inflexão decisivos que colocam o sujeito frente a uma tomada de posição, frente ao que do desejo – e para abrir outra articulação possível do tema – e do gozo, tenha sido elaborado na análise.

Que articulações e diferenças se poderiam fazer entre o amor de transferência e o preceito ético freudiano da lei de abstinência, e o desejo do analista? Sem dúvida não são a mesma coisa.

Em Lacan a partir do Seminário XX, poder-se-ia dizer que se opera uma ampliação e uma nova forma de pensar esta dimensão absolutamente essencial da experiência humana. Talvez se pudesse resumir esse movimento como o de uma ampliação aonde o anterior segue sendo certo, mas que os novos desenvolvimentos obrigam a incluir novas perspectivas, que em seu conjunto representam certa revalorização do amor.

Então, também nosso próximo Encontro será ocasião de ver quais são as novas linhas de tensão que o ensino de Lacan traz, a partir dos anos 70. É muito interessante como Colette Soler, em seu livro *Os afetos lacanianos* resume esta nova perspectiva:

“O amor se converte em um revelador dos impasses do inconsciente, como saber que está ali não sabido, obscuramente aprendido e que faz obstáculo à relação sexual. O amor é índice não de uma intersubjetividade, e sim de um *Inter-reconhecimento* entre os seres *falantes* feitos de duas *lalinguas*” <sup>[2]</sup>.

A partir do seminário *XX Mais, ainda*, se produz então um enfoque novo do amor, este advindo como signo de um afeto do inconsciente. Para concluir compartilho com vocês estes parágrafos finais do seminário para começar a preparar o clima do nosso próximo Encontro em Paris, em julho de 2014:

*“... direi que o importante no que revela o discurso analítico, e surpreende não ver suas fibras em todas as partes, é isto: o saber, que estrutura em uma coabitação específica o ser que fala, tem a maior relação com o amor. Todo amor encontra seu suporte em certa relação entre dois saberes inconscientes.*

*Quando enunciei que a transferência era motivada pelo sujeito suposto saber, não era sem aplicação particular, especificada, do que está aí por experiência. Peço-lhes que consultem o texto do que enunciei aqui, em meados do ano, sobre a escolha do amor. Falei em suma do reconhecimento, do reconhecimento por signos sempre pontuados enigmaticamente da forma como o ser é afetado enquanto sujeito do saber inconsciente. Não há relação sexual porque o gozo do Outro considerado como corpo é sempre inadequado – perverso, por um lado, no que o Outro se reduz ao objeto a – e por outro, diria, louco, enigmático. Não é acaso com o enfrentamento a este impasse a esta impossibilidade com a que se define algo real, que se põe à prova o amor? “Do parceiro, o amor só pode realizar o que chamei, usando de certa poesia, para me fazer entender, valentia ante fatal destino” [3]. (J.L)*

*Tradução: Gracia Azevedo*

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Freud, S. (1895), Proyecto de una psicología para neurólogos. En *Obras Completas*, Amorrortu, Vol. I, Buenos Aires, 1996.

Freud, S. (1900), *La interpretación de los sueños*. En *Obras Completas*, Amorrortu, Vol. V, Buenos Aires, 1991.

Freud, S. (1912), Puntualizaciones sobre el amor de transferencia". En *Obras Completas*, Amorrortu, Vol. XII, Buenos Aires, 1979.

Freud, S. (1915), Pulsiones y destinos de pulsión. En *Obras Completas*, Amorrortu, Vol. XIV, Buenos Aires, 1976

Freud, S. (1895), “Proyecto de una psicología para neurólogos”. En *Obras Completas*, Amorrortu, Vol. I, Buenos Aires, 1996.

Freud, S. (1900), *La interpretación de los sueños*. En *Obras Completas*, Amorrortu, Vol. V, Buenos Aires, 1991.

Freud, S. (1912), "Puntualizaciones sobre el amor de transferencia". En *Obras Completas*, Amorrortu, Vol. XII, Buenos Aires, 1979.

Lacan, J. (1959-1960), *El Seminario 7. La Ética del Psicoanálisis*, Paidós, Buenos Aires, 2007.

Lacan, J. (1973-1974), “El Seminario 21. Los no incautos yerran”. Inédito.

[1] Lacan, J. (1964-1965), *El Seminario 11. Los Cuatro Conceptos Fundamentales del Psicoanálisis*, Ed. Barral 1977, España, 1977 pág.276.

[2] Soler, C. (2011) *Los afectos Lacanianos*, Buenos Aires, Ed. Letra Viva, pág 109

[3] Lacan, J. (1972-73), *El Seminario 20. Aún*, Paidós, Buenos Aires, 1975. Pág. 174

## Prelúdio 11, Antonio Quinet

### **KALIMEROS PARA 2014!**

“Clara é a vitória de Hímeros, o desejo, no olho da jovem feita para a cama”, diz o coro grego. O Hímeros é o brilho do desejo, “vitorioso”, desejo decidido que faz de Antígona a desejante desejada. Hímeros é a flor do desejo que brota no campo da pulsão entre duas mortes. A heroína – criação de Sófocles - é o paradigma do desejo em ato e é o objeto causa de desejo (explicitamente de Hemon, filho de Creonte).

*Hímeros* vem do verbo *himeirein* grego, “desejar”. Na mitologia Hímeros é um deus, gêmeo de Eros, ambos presentes no nascimento de Vênus, a deusa da beleza. Enquanto

Eros é o amor como sentimento, Hímeros é o desejo sexual, propriamente dito. Hímeros não é o desejo como falta, aspiração, vazio de satisfação e sim o estado de desejo, excitação gozosa, o desejo em sua assertividade, tornado visível no ser-para-o-sexo. Não se trata aqui do desejo com seus impedimentos derivados de sua articulação com a Lei que se declina em insatisfeito, prevenido ou impossível, como no neurótico. Não é o desejo em suas errâncias que pula de objeto em objeto e nunca se satisfaz por ser metonímia da falta. Hímeros é o desejo em sua positividade, um desejo assertivo, desejo em ato - base do desejo do analista.

A psicanálise e a arte nos permitem, a partir de Lacan, apreender a distinção entre o desejo como falta, equivalente ao menos phi ( $-\phi$ ), e o desejo causado pelo objeto “a”. O primeiro é articulado à lei e à impossibilidade; o segundo ao gozo e à satisfação, derivada da presença do objeto mais de gozar. Hímeros é um dos nomes do desejo em sua assertividade.

Para além da demanda, eis o desejo e seu real de gozo: no campo escópico “o desejo para o Outro”, e no campo invocante o “desejo do Outro”. O olhar e a voz são os apagões do sujeito, que se evapora para deixar brilhar o desejo.

O artista eleva as notas musicais à dignidade da voz, como mais de gozar – é um *mais de voz* que se faz escutar. Assim como o pintor joga na tela um *mais de olhar*. O ato do artista, realizado por seu desejo decidido, coloca na obra de arte esse algo “de si”, que mal lhe pertence e que lhe escapa, que é objeto a. Eis o que o analista deve se deixar ensinar pelo artista.

A chegada da luz do dia advinda das trevas da noite era, para os gregos, uma luz desejada. Daí a palavra para designar o dia ser *hímera*, nos ensina Platão. E “Bom dia!”, ser *kalimera!* Literalmente, “Belo dia!”. Lacan, a partir daí, propõe um novo cumprimento “Kalimeros!” – Bom dia e Belo desejo!

Kalímeros para 2014!

## Prelúdio 12, Claude Léger

**O Desejo Agarrado pelo Rabo.**



Durante os anos negros da Ocupação, Lacan e Picasso estavam num mesmo barco, aquele chamado « Trabalho, Família... e cinto apertado ». Eles também estão na mesma foto, feita em março de 1944 por Brassai na casa de Michel Leiris, por ocasião de uma representação entre amigos da peça de Picasso O Desejo Agarrado pelo Rabo. Se Picasso então agarrava o desejo pelo rabo, é que ele puxava o diabo pelo mesmo apêndice. Um pouco antes, Lacan estava admirando a instalação de caixas de fósforos de Prévert em Saint-Paul-de-Vence, paradigma, segundo ele, da coleção, já que era concebido com rebotalhos elevados à dignidade da Coisa. Breton (André) escreveu : « Todos os destroços ao alcance de nossas mãos devem ser considerados como um precipitado de nosso desejo. »

Em 1941, ano em que Picasso escreveu sua peça, ele pintou um Busto de Mulher com Chapéu, onde as metades superior e inferior da face estavam orientadas de forma diametralmente opostas, produzindo uma ilusão de movimento, à maneira de um deslocamento fotográfico.

« Eu não procuro, acho ». Esta era a máxima de Picasso, que Lacan citou tantas vezes. Ele tinha, de fato, achado o Minotauro sem se perder no labirinto, essa figura picasseana que lhe abriu perspectivas bem mais amplas<sup>[1]</sup> que aquelas do academicismo de vanguarda que lhe havia servido de trampolim.

Em 1978, Lacan acabou por constatar que na verdade ele não achava, mas que ele continuava ainda assim a pesquisar. Entre suas questões, há uma há uma que nos interessa particularmente : porque o desejo concede ao amor ?

*Tradução: Lia Silveira e Bela Malvina*

<sup>[1]</sup> Note: Minotaure foi uma revista pluridisciplinar fundada por A. Breton, e a cobertura do número 1 foi dada a Picasso, et outros colaboraram como Leiris, Griaule, Caillois, Masson, Bataille e Lacan.

## **Prelúdio 13, Manel Rebollo**

**Que deseja a palavra?**

Que significa desejo? Que quer dizer essa palavra?

A mesma pergunta implica um desejo de dizer nas mesmas palavras, um “querer dizer” que certifica que é aí, nos interstícios da linguagem que o desejo habita.

Nem sequer seu nome em alemão, que Freud o outorgara, *Wunsch*, o detêm em uma significação, pois em *Begehren* encontra também outro termo, sem esgotar nele seu sentido. Eis o segredo de sua indestrutibilidade. Para destruir algo há que localizá-lo, e a deslocalização do desejo é evidente, forjando sua residência, seu *Dasein*, seu estar aí, no espaço entre dois significantes. Não há lugar para o desejo na consciencia, só no fracasso (*insuccès*) da tentativa, donde se revela como um sem saber que sabe (*insu que sait*).

Lacan tenta localizá-lo de maneiras distintas:

-Mediante a escritura: em seu grafo do desejo, entre a linha da enunciação e a do enunciado, no nível do fantasma; ou bem entre o “para todos” da fórmula sexual masculina e o “não toda” da feminina.

-Mediante a nominação, em um recorrido que passa ra-zo-avelmente<sup>1</sup> por *Das Ding*, o designio, o *deser*, e atravessa novos vocábulos, como o objeto *a*, o *mais-de-gozar*, e um metonímico etcétera pelo qual deambula tal lagarto nas sebes do dizer, perdendo sua cauda em cada modalidade substancial de gozo.

-Produto da linguagem e causa do discurso, cada um dos *falaseres* tenta lidar com ele em seu sintoma. Assim, articulado na palavra, porém não articulável, se deixa querer pelos sujeitos em seu errar lúdico pelos ditos.

Como então alcançá-lo? Só mediante as voltas da interpretação, esse dizer *sem sentido* do analista que permita *rasonar* com o desejo do sujeito em um instante efêmero de saber no lugar da verdade. Para deixar logo de ser verdade esse saber. É seu destino

*Tradução: Andréa Brunetto*

<sup>1</sup> Em espanhol, o autor escreve *ra-son-ablemente*, o que lhe permitirá, mais adiante, escrever *sinsontido*, e *rasonar* com o desejo.

## Prelúdio 14, Ricardo Rojas

### Desejo-de-saber e Entzweiung do Sujeito\*

“Tal é ao menos o camino que franqueou a neurosa ao psicanalista para que ele a cabe em verdade por sua repetição (...). É isso o que ele não poderia levar a cabo sem supor o desejo não ser senão desejo-de-saber”. Jacques Lacan<sup>[1]</sup>

O sintagma *desejo-de-saber* introduz paradoxos. Em *O Banquete* <sup>[2]</sup> o que se trata, *no desejo-de-saber*, é do *agalma*, o que se pode ler com a chave: *ser-de-saber* e *ser-de-verdade*.<sup>[3]</sup> Se se desprende um efeito de verdade, se marca a primazia do significante, no qual o desejo é um *desejo-de-saber* “suscitado de uma causa conexas à formação do sujeito”<sup>[4]</sup> com seu efeito de desdobramento – *Entzweiung* – entre *ser-de-saber* e *ser-de-verdade*, entre o “penso” e o “sou”. Entre o saber e a verdade há um buraco, o objeto *a*, porque embora na visada está o *ser-de-verdade*, o *agalma*, esse traço que persegue o analisante em sua análise, é impossível de alcançar. Topologia do sujeito em suas relações com estes três termos:

A primeira versão da *Proposição do Passe* <sup>[5]</sup> situa o analista ao nível de “s” da pura significação, que só pode ser determinável por um deslizamento que é desejo, e onde não há outra eleição que fazer-se desejo do Outro, em sua forma pura como *desejo-de-saber*. Então, a função do *agalma* do *Sujeito-suposto-Saber* é a maneira de centrar aquilo de que se trata na escolha de saber no momento do passe, e ressaltando que o *não-saber* é central.

O *mais-de-gozar* [6] é o que responde à perda do gozo, de onde vem uma animação feroz que se conjuga com o *desejo-de-saber*. “A verdade é puro *desejo-de-saber*” porém o efeito de pensamento torna-se suspeito, o pensamento não é somente a questão colocada acerca da verdade de saber – grande passo hegeliano – senão que o avanço freudiano é coloca-lo como o que impede o acesso ao saber, ponto desfalecente do “*eu não sei*”, de onde surge o inconsciente como um desejo (de saber), com sua dimensão do informulável, tal como no sonho de Freud de “ele não sabia”. A verdade, que a psicanálise interroga no inconsciente como “*desfalecimento criador de saber*”, como ponto de origem do *desejo-de-saber*, como saber censurado, não vem a ser mais do que um correlato desse desfalecimento. No estudo das relações entre o saber e a verdade, na abordagem diferencial entre desejo e demanda, o que Freud aponta – nos indica Lacan – é a designação de um lugar de incidência de um desejo particular, ponto em que a sexualidade entra em jogo como fundamental no domínio do *desejo-de-saber*.

O *desejo-de-saber* [7] não conduz ao saber, é bem mais o discurso da histórica o que conduz ao saber e é ela que fabrica um homem animado do *desejo-de-saber*, enquanto que é como objeto *a* que o analista ocupa a posição no discurso, ou seja, que se apresenta como a causa do desejo para o sujeito, oferecendo-se como ponto de mira da operação analítica, insensata, digamos, paradoxal, tanto que o sujeito se compromete a seguir o traço do *desejo-de-saber* que não tem nada que ver com o saber.

Do lado do analisante há mais é um “*horror-de-saber*” [8] que *desejo-de-saber*, o que o faz diferente ao desejo do homem como desejo do Outro. Ao *desejo-de-saber* se o atribuí, então, o desejo de inventar o saber.

Por isso o passante testemunha estar a serviço do *desejo-de-saber*, inclusive sem reconhecer o que ele porta, o mesmo acontecendo ao passador que aí interroga, um risco para ambos [9] é que esse saber se constrói colocando de sua própria colheita, daí que os outros saberes não permitem lhe dar um lugar, o que faz duvidar que o próprio saber passou pela barra, e é aí que é necessário, diz Lacan, um passador para escutar isso. Ou seja, cedendo o peso de postar em seu lugar outros saberes, - por exemplo, a tentação de levar o escutado à *doxa* – mais que preservar o peso do inédito, se termina acreditando que o saber não foi barrado, e portanto, a resposta do Cartel poderia ser que não estão convencidos do final. Talvez para sortear esta *Verleugnung* seria necessário aos integrantes do Cartel do Passe “el pertenecer” [10] como os passadores a esse momento do passe, para que se possa escutar esse saber particular que é marco de outros saberes estabelecidos e aqui retornamos ao ponto de partida da epígrafe em que

o *deser* não é mais *desejo-de-saber*, (de saber) do buraco, por isso o parêntese introduzido por Lacan que escreveremos (a).

*Tradução Andréa Brunetto*

\*Este prelúdio faz um recorrido pelo ensino de Lacan seguindo o traço deste sintagma *desejo-de-saber*.

[1] Texto de 3 de fevereiro de 1969. *De uma reforma en su agujero*. sem publicar. Versão de Patrick Valas.

[2] É no Seminário 8, *A transferencia*, que Lacan faz um deciframento do Banquete, de Platão e é onde deduz estas relações entre saber e *agalma*.

[3] É no Seminário 12, *Problemas cruciais da psicanálise*, que Lacan aporta essas chaves, aportes que serão ressaltados na Resenha de ensino do mesmo e na aula do Seminário 13 (20-04-1966) em que comenta essa resenha.

[4] Em seu texto dos *Escritos*, publicado em 1966, que serve de pontualização: De um designio, onde Lacan resalta esse trabalho de topologização desenvolvido no Seminário 12, *Problemas Cruciais da Psicanálise*, seminário em que, juntamente com o seguinte, faz precisões em relação a que sujeito se refere a conceitualização da psicanálise.

[5] Texto aparecido em *Outros Escritos*, Paidós, Buenos Aires, 2012, no qual desenvolve as relações de SsS e o *agalma*, em relação ao final da análise.

[6] Em O Seminário 16, *De um Outro ao outro*, se desenvolve a noção do mais-de-gozar e durante todo o seminário trata de precisar de que saber se trata na experiência analítica.

[7] *Seminário 17, o avesso da psicanálise*, onde examina as relações do saber e a verdade nos discursos.

[8] É no Seminário 21, *Os nomes do pai\Los desengañados no erran*, que ele precisa as relações com o horror de saber.

[9] 1974-05-08 Nota que Jacques Lacan dirige pessoalmente a aqueles que eram suscetíveis de designar passadores. Publicado Em *Analyse Freudienne press*, 1993, n. 04, p. 42.

[10] Expressão hegeliana desenvolvida por Beatriz Maya em uma de suas elaborações de sua experiência como passador e passante, *Lo que pasa en el pase*, n. 1, Publicación de la EPFCL-ALN

## Prelúdio 15, Beatriz Zuluaga

### Ética do desejo

*“No sonho era evidente que fazia muitos anos que a menina ficava frente à janela infinita, tentando terminar o cacho, e que não tinha pressa, porque sabia que, na última uva, estava a morte”*  
*“Do amor e outros demônios”*  
Gabriel García Márquez

Ao terminar a sequência de Prelúdios que antecedem nosso Encontro de Julho, constata-se que, para pensar o tema que nos reunirá no VIII Encontro da EPFCL, abriram-se outras vias, fissuras diferentes, que, no horizonte do desejo, articulam-se ao “indizível” que constitui o cerne da psicanálise: o ato analítico, o final de análise, o gozo, o amor, a relação entre os sexos e, é claro, o objeto *causa*, só para nomear alguns.

Os Prelúdios, como o dedo de São João, prometem que se irá além e que se haverá de pressionar “contra”, para evitar a “doxa”, apostando nisso que parece não ser do interesse da humanidade. Em relação a isso, Freud, desde as suas Conferências Introdutórias à Psicanálise (1915-17), na parte *II sobre o sonho como realização do desejo*, tenta transmitir a seus ouvintes o que há de novo em sua descoberta. Mas, se existe o pesadelo e o sonho de angústia, onde se encontra, Doutor Freud, a realização do desejo? Os leigos, disse Freud, se esforçam em demonstrar que, nas atividades oníricas, no lugar do prazer proporcionado por um desejo que foi negado no estado de vigília, vem constantemente enodar-se o desprazer. Porém, por trás do conteúdo manifesto, há deformação e censura, esta é a novidade, insiste Freud. No entanto, o que Freud mostrou ao mundo, a novidade de sua descoberta que apontou para o desejo *insatisfeito* ou *impossível*, herdeiro de uma satisfação mítica e inesquecível, não é do interesse da humanidade. Esta *“tem uma tendência instintiva de se defender das novidades intelectuais”*. \*(1) Não há interesse pelo novo e ainda não existe um *desejo de saber* sobre o advento do real, dirá posteriormente Lacan.

Mas, apesar disso, os “paradoxos do desejo” já permitiram uma primeira elaboração nesta sequência de Prelúdios, já se pode prever um *desejo* de dizer, ou melhor, um *meio-dizer* algo desse real, produto da nossa do saber. Real que espreita nossa formação; um real que, se não o levamos em conta, ele enfraquecerá as amarras que permitem “*separar esta experiência da terapêutica, que não só desvirtua a psicanálise por relaxar seu rigor*”\*(2)

Lacan sempre nos alertou, já que “***para a humanidade o saber não está posto, uma vez que ela não o deseja***”\*(3). Espera-se, portanto, do psicanalista, subtrair-se, saber ser o dejetivo desta humanidade. Concluindo então; nosso verdadeiro paradoxo é o de sustentar um desejo que não é articulável, nem nomeável, porque emerge nos paradoxos do próprio ato analítico e aí onde nos reunimos para fazer laço de Escola. Esperamos, portanto, “satisfação ao final” nas possíveis elaborações que darão continuidade a estes Prelúdios, satisfação que Lacan enoda ao final da experiência, porque isso “*implica ter encontrado esse limite em que se coloca toda a problemática do desejo*”\*(4). Problemática ligada a nossa condição humana, à relação fundamental com a morte, porque nos confronta com a liberdade trágica, que é do Édipo; a de ter que enfrentar as consequências de ter “sabido sobre o desejo”.

O Encontro nos espera em Paris, ainda nos resta um tempo de elaboração, para que nos a-proximemos do tema que nos convoca. Um Encontro onde surge um novo paradoxo, pois, no Seminário de Ética, Lacan se pergunta: *o que acontece cada vez que ressoa para nós – o encontro - a hora do desejo?* Pois há quem não se aproxime e pelas melhores razões “\*(5). Pois bem, tratemos de ir “contra”, de nos aproximarmos, pois levamos em conta o desejo que até hoje nos reúne, apesar do que há de paradoxal em sustentar e dizer sobre o “indizível”

*Tradução de Katarina Aragão*

*Revisão Vera Pollo*

-(1) S. Freud. “14 Conferencia. El cumplimiento de deseo (1915). En OC Vol XV. Amorrortu, Buenos Aires, Ed.Paidós, B. Aires, p.195-196.

-(2) J. Lacan, “Proposición del 9 de Octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la Escuela. En Directorio de la EPFCL. Ed en español 2008-2010. p.272.

-(3) J. Lacan .”La Nota Italiana”,cit. p.300.

-(4) J. Lacan “*La Demanda de Felicidad y la Promesa analítica*”. En el Seminario, Libro VII, la *Ética del Psicoanálisis*”, Ed Paidós, B. Aires, pág. 357.

-(5) *Ibid*, pág 261.

## Prelúdio 16, Susan Schwartz

### Do desejo e da morte

Em 1947, uma jovem e bela mulher, considerando-se indigna de ser a esposa do seu marido, saltou para a morte do 86º andar do prédio do *Empire State*. Ela aterrissou, aparentemente intacta, na parte superior de um carro estacionado. Uma foto foi publicada na revista *Life* pouco tempo depois, e foi interpretada como a representação da “violência e calma da morte”, pois ela “descansava tranquila na grotesca tumba, com o corpo enfiado no capô do carro”. A foto foi reproduzida inúmeras vezes em diferentes contextos, inclusive por Andy Warhol em “Suicídio” (Corpo caído), 1962<sup>[1]</sup>. A reprodução da imagem que representa uma bela mulher morta pertence à tradição de numerosas reproduções da máscara mortuária da mulher anônima, *A desconhecida do Sena*, morta por afogamento e supostamente suicida, em fins do século XIX. A máscara, com seu sorriso enigmático, serviu de inspiração à arte e à literatura; naquela época, ela era um ideal erótico<sup>[2]</sup>.

Em 1846, Edgar Allan Poe escreveu: “A morte de uma bela mulher é, incontestavelmente, o tema mais poético do mundo.”<sup>[3]</sup> “Poético” porque, para ele, um poema só é poema na medida em que provoca excitação; em sua nuvem de beleza, desejo e melancolia, a morte de uma jovem mulher atrai e fascina, mas incomoda também. Por que ela produz esse efeito? Lacan dirá no seminário 6, O desejo e sua interpretação: “o objeto da fantasia é essa alteridade, imagem e *pathos* por meio da qual um outro ocupa o lugar daquilo de que o sujeito está simbolicamente privado: o falo.”<sup>[4]</sup> É o que serve de moldura para a interpretação da função de Ofélia na peça de Hamlet, porque, para Hamlet, ela é o objeto consciente de sua fantasia e o “barômetro” da sua relação com o desejo. Lacan refere-se a ela como “uma das criações mais fascinantes da imaginação humana”<sup>[5]</sup>, uma das mais cativantes e mais perturbadoras<sup>[6]</sup>. Para ele, ela é uma criatura de carne e sangue cujo suicídio ele qualifica de “ambíguo”<sup>[7]</sup>. O laço entre beleza, desejo e morte não é evidente, ou seja, há algo estranho no que tange ao suicídio belo e há também nele algo da ordem do fetiche. Como *phallus-girl*, Ofélia é o objeto do desejo de Hamlet; como



falo exteriorizado, símbolo que significa vida, ele a rejeita e ela só é reintegrada em seu fantasma “ao preço do luto e da morte”[8]. Na morte, que produz um furo, um buraco real, ela se torna o objeto impossível que recupera seu valor como objeto no desejo[9].

Para Lacan, Hamlet é a tragédia do desejo e do luto, um luto que demonstra a proximidade dos laços entre os registros do real, do imaginário e do simbólico[10]. A relação entre desejo e morte é paradoxal. O desejo religa o sujeito com a vida, na busca de uma mais de ser, enquanto a morte é a condição: a corpsificação que o sujeito sofre como efeito de sua alienação ao significante. “O desejo é carregado pela morte”[11], diz Lacan, e não há outro sentido da vida.

*Tradução: Vera Pollo*

[1] <http://kottke.org/08/07/the-most-beautiful-suicide>

[2] <http://en.wikipedia.org/wiki/L'Inconnue-de-la-Seine>

[3] Edgar Allan Poe, *The Philosophy of Composition*

[4] Jacques Lacan, *Le Séminaire, livre VI, Le désir et son interprétation*, Paris, Éditions de la Martinière et Le Champ Freudien Éditeur, junho de 2013, p.370 (Lição de 15 de abril de 1959)

[5] Ibid., p.291 (Lição de 4 de março de 1959)

[6] Ibid., p.357 (Lição de 8 de abril de 1959)

[7] Ibid., p.292 (Lição de 4 de março de 1959)

[8] Ibid., pp.380,382 (Lição de 15 de abril de 1959)

[9][9][9] Ibid., pp.396-97 (Lição de 22 de abril de 1959)

[10] Ibid., p.399 (Lição de 22 de abril de 1959)

[11] Jacques Lacan, “A direção do tratamento” in Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998, p. 648

## Prelúdio 17, Colette Soler

O desejo pego por...

O pensamento absurdo e inesperado me veio enquanto eu me ocupava de uma coisa inteiramente diferente: o desejo “pego pelo rabo”[1] não leva muito longe, o que desagradaria a Picasso, de quem tomo emprestada esta frase. Não mais longe do que a cama, lugar dos amassos. Para quem quer viajar, é preciso então pegar o desejo de outro modo. Mas como? “Assim mesmo: “descomozando”[2]. Este « descomozando » convoca a palavra e sua topologia, e nega toda tentativa de organo-dinamismo, passado ou presente, o de Henri Ey ou aquele do neurocomportamentalismo. O organodinamismo é justamente o que captura o homem em geral por meio de seu organismo e, portanto, o desejo em particular, pela pica, acreditando que é “por meio do órgão que o Eterno feminino os lança para cima”, como diz Lacan de forma impagável...

Este órgão era exaltado, e havia até quem o bradava nas salas de plantão da época de Lacan. Eram ainda bons tempos para os psiquiatras que, desde então, perderam seu órgão, eu quero dizer, perderam sua voz. E as salas de plantão, que eu saiba, já não cantam muito. É que o novo organodinamismo, pior do que o antigo, não se canta, não se ocupa do desejo, mas, antes, do que preside a boa ordem de todos os órgãos e de todos.

A psicanálise é a única a se preocupar com o desejo, disto nos honramos. Mas desejar é estar na “iminência” da castração. Por isso as alternâncias de fases entre o prazer da busca que dá o sentimento de vida, e a angústia que reconduz ao real. Quem, então, merecerá o nome de “desejante por excelência”? Não o neurótico, em todo caso.

*tradução Vera Pollo*

[1] Frase equívoca em francês: “attrapé par la queue”, que significa literalmente “pego pelo rabo”, mas que também pode significar “pego pela pica”.

[2] No original: “Justement comme ça: mécomment”. Ver “O aturdido”, em *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p.461. Neologismo de Lacan, *mécomment*, que vai contra o *comment* [como].

## Prelúdio 18, Marc Strauss

### Trivialidade extrema ou avanço do real?

Este sujeito evocou primeiramente o seu pai, homem de uma inteligência admirável, mas que bebe além do razoável: um alcoólatra; em seguida, falou da sua amada, também de uma inteligência admirável, mas que come além do razoável: uma bulímica. Convidado, então, a dizer o que ele mesmo fazia além do razoável, ele respondeu: “Eu me masturbo”. Questionado, enfim, sobre quem pensa dessa maneira, ele concluiu meio desamparado: “Bem, eu né...?!”

Verifica-se aí que, para ele, como para todos, o “Eu” que faz e o “eu” que diz, embora indissociáveis, nem sempre estão de acordo sobre o que é ou não razoável. Será que é aí que está aí o paradoxo do desejo, como ponto de impasse obrigatório em todas as histerohistórias[1], de que nada podemos fazer de melhor a não ser contá-las a nós? Um paradoxo, com que, afinal, seria melhor que nos resignássemos, para que o manejassemos com mais astúcia.

Ou será que essa inquietude pode ser o início de uma saída diferente para a análise, em que a causa do desejo se reconhece na singularidade absoluta de sua realidade de dejetos? Se o efeito já não é mais de gozouço-sentido[2], a relação do analisante ao desejo está mudada. Aonde isto o conduz? Por outro lado, será que não há um outro paradoxo em querer, ele mesmo, ocupar este lugar de analista-rebotalho? Lacan responde a essas questões com o benefício de uma mudança no status do saber, aligeirado com a parte de riso que lhe retorna (cf *Televisão*, com o gaio saber[3] e “Quanto mais somos santos, mais rimos...”).

O tema do Encontro que se aproxima nos permitirá o intercâmbio de nossos pontos de vista sobre a psicanálise, que começa pela análise dos sintomas, estes paradoxos do desejo tão difíceis de suportar, para chegar a fundamentar o desejo do psicanalista de modo razoável[4]. Acrescentaremos, assim, à satisfação que liberamos no sujeito,

desatando com determinação os seus sintomas, o prazer de prosseguirmos juntos nos desdobramentos desta determinação.

*Versão brasileira: Vera Pollo*

[1]No original: hystoires, condensação de histoire, história, e hystérie, histeria.

[2]No original: joui-sens

[3]No original: gay sçavoir, referência à poesia dos trovadores, na qual se condensam as palavras savoir, saber, e ça, isso.

[4]Procuramos seguir o deslizamento do texto desliza de “plus que de raison”, além do razoável, expressão empregada duas vezes no primeiro parágrafo, para “en raison”, conforme à razão, raciocinável, também empregada duas vezes, no segundo e no último parágrafos.

## Prelúdio 19, Celeste Soranna

*Estranhas estrelas fixam a Terra,  
Elas têm a cor do ferro e erram no desejo,  
Procurando amor com os braços incandescentes,  
E elas atingem o frio do ar.  
Élise Lasker Schüler*

### **Do desejo apesar de tudo**

Qualquer que seja o nível do gráfico em que a gente se encontra, ninguém pode declarar o desejo, e toda consideração ou articulação conceitual pode facilmente ressoar como um predicado.

“O que é o desejo, se o desejo é o desejo do Outro?” [1]

É a este ponto que Lacan retorna em muitas ocasiões no curso de sua produção, e é sobre este ponto que ele sempre se interroga, a cada vez como se fosse a primeira.

Como se, a cada vez, ele estivesse a ponto de inventar alguma coisa diferente, elaborar novas fórmulas, a fim de subtrair o que não passa do desejo do analista ( ou que não passa todas as vezes): nem pela porta da sexuação, nem pela porta de saída já paradoxalmente aberta. Que se pense nas fórmulas quânticas da sexuação. [2]

Para a poesia do terceiro milênio, bem como para o desejo do analista, deveríamos inventar um “sistema de anti-fragilidade”, quer dizer, de salvaguarda do paradoxo. Se a poesia do terceiro milênio é definida como um “frágil enigma” [3], na medida em que escapa à apreensão pelo dizer, o desejo se sustenta em paradoxos.

Destaquemos o que diz Henri Meschonnic a respeito da poesia em *Célébration de la poésie* : (“*Celebração da poesia*”<sup>[4]</sup>): Para um poema, é preciso aprender a recusar, a trabalhar com toda uma lista de recusa. A poesia só muda se nós a recusamos. Do mesmo modo que o mundo só muda para aqueles que o recusam!” Dizer não, para consentir. Mas em que?

Se o desejo tampouco coincide com o que é verdadeiro, como nos faz notar Demóstenes em uma de suas máximas, então, paradoxalmente, dizer não ao amor enganador – o amor enquanto semblante do saber – isso pode significar consentir em que a psicanálise continue a existir através de um amor diferente, amor que emerge do discurso do analista.

Pode ser, mas não há amor novo, diferente. Retiremos também o pode-ser, tal-vez, não há nada a fazer, é o que se diz, quanto ao “não querer saber nada disso” próprio de cada um no que tange ao horror, mas..Sim, há um mas. Não se deve esquecer que o desejo enquanto objeção (ao gozo, à impotência, à impostura...), mas, mais ainda, a psicanálise visa um amor que emerge realmente para-além do engodo...Até prova em contrário.

*Tradução Vera Pollo*

[1] Jacques Lacan, O Seminário, livro 23, Os não-tolos erram, Lição de 9 de abril de 1974

[2] *Ibid.* : “Em Roma...colocaram-me questões, a saber, se as fórmulas quânticas, por serem quatro, poderiam situar-se em algum lugar de modo a entrarem em correspondência com as fórmulas dos quatro discursos. Isso não seria obrigatoriamente infecundo, pois o que evoco, enfim, é que o pequeno a venha no lugar do x das fórmulas que chamo: fórmulas quânticas da sexuação.”

[3] Giovanni Dotoli, *La poésie française au début du 3eme millénaire ou l'énigme fragile*, Schena Editore, Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, Brindisi, 2002

[4] Henri Meschonnic, *Célébration de la poésie*, pp. 252-254: «Pour un poème, il faut apprendre à refuser, à travailler à toute une liste de refus. La poésie ne change que si on la refuse. Comme le monde ne change que par ceux qui le refusent».

## Prelúdio 20, Sol Aparicio

*Morrer, dormir, sonhar talvez... (Hamlet).*

Um desejo fundamental habita nosso sono e se satisfaz nos sonhos, o desejo de dormir. Ponto bem conhecido da doutrina freudiana, estabelecido na *Traumdeutung*, ei-lo de imediato convertido por Lacan no maior enigma do mecanismo do sonho[1]! Por que Freud não falou em necessidade de dormir, em vez de falar de um desejo ? E por que Lacan demorou tanto para se espantar com isso?

Era preciso que o corpo e seu gozo entrassem em cena : « a essência do sono é a suspensão do gozo[2]"Quando o corpo goza, já não se adormece. Sem dúvida, quando se dorme, se sonha. O corpo adormecido se acha desconectado da linguagem, “aparelho” do gozo[3], porém não totalmente. Continua sendo possível tecer um sonho.

Necessidade de dormir? Desde cedo. Porém sucede que “as necessidades do ser falante estão contaminadas pelo fato de se acharem implicadas em outra satisfação[4]». A necessidade fisiológica de dormir se acha implicada na satisfação que é trazida pela sonhos. Não é « incrível que o poder do sonhos tenha ido tão longe a ponto de fazer de uma função corporal, o sono, um desejo[5]" ?

Aqui, Lacan segue Freud de muito perto: 1. Sonhar é uma atividade que vai em direção ao *Lustgewinn*, o mais-de-gozar. 2. Um sonho só funciona para proteger o sono. 3. Surge daí a pergunta implícita em Freud : Em quê aquilo que num sonho depende do inconsciente, ou seja, da estrutura do desejo, pode perturbar o sono?

Lacan responde a isso com a seguinte hipótese : o *cifrar* que o trabalho do sonho realiza é o gozo. Quanto mais se cifra, mais se goza e mais se perturba o sono. Porém este assunto não vai muito longe. Deixamos de sonhar ao entrar no sono profundo. “O sono permanece sendo um refúgio contra o gozo”. Pode prolongar-se, com a cumplicidade do sonhar que se detém a tempo.

"*El sueño de la razón produce monstruos*", disse Goya. Ou seja, “o sono da razão...” e também “o sonho da razão.” A que ele se referia afinal? Ao fato dele dormir ou de sonhar? A ambiguidade de *El sueño*[6] em castelhano diz bem a cumplicidade do sonho que sonhamos com o sono que dormimos. Em nossa língua, o *sueño* é o significante do desejo de dormir; desejo do qual, como bem disse Lacan, nós só despertamos para continuar sonhando.

O sono se prolonga no ser falante. Não porque seu corpo tenha maior necessidade de dormir do que outros, mas porque “o imaginário adormece”, há algo no imaginário que leva o sujeito a dormir. Além disso, o imaginário é “esse predomínio adquirido por uma

necessidade do corpo, a necessidade de dormir[7]". Então, quando é que se sai do sonho?

A psicanálise nasceu da ruptura com o sono da hipnose. Nasceu de um despertar! Despertar que responde a um desejo diferente do desejo de dormir, um desejo que se deixa interrogar pelo gozo que nos perturba.

*Tradução: Vera Pollo*

[1] *Séminaire XVII, L'envers de la psychanalyse*, Seuil, p 64.

[2] *Séminaire XIX, ...ou pire*, Seuil, p 234.

[3] *Séminaire XX, Encore*, Seuil, p 52.

[4] *Ibid.*, p 49.

[5] V. *Séminaire "Les non dupes errent "*, inédit, 20 novembre 1973.

[6] Aqui se trata da ambiguidade do vocábulo "sueño" que tanto designa sonho como sono.

[7] *Ibid.*, 19 mars 1974.